

Entre empoderamentos e assujeitamentos: as políticas do Patrimônio Imaterial e seus impactos nos grupos da Cultura Popular na Festa de Santo Antônio em Barbalha/CE¹

Cicera Tayane Soares da Silva – UFRN²

Julie Antoinette Cavnac-UFRN³

Resumo

Por volta dos anos 2000, as políticas que viabilizaram a patrimonialização, sobretudo, de cunho imaterial, exerceram grandes impactos nos grupos da cultura popular. Nesse momento, havia-se o reconhecimento de diversos grupos de tradição, formas de expressão e celebrações que receberam recursos públicos para sua manutenção. No entanto, com o cenário político que se instaurou desde 2016, e segue até o presente momento, esses investimentos foram, aos poucos, sendo comprimidos ou até mesmo aniquilados. A Festa de Santo Antônio, em Barbalha/CE, foi integrada ao Livro de Registro no ano de 2015, tornando-se um patrimônio cultural brasileiro. Através da sua salvaguarda inúmeras questões surgiram. O presente trabalho busca refletir sobre as políticas de patrimonialização e seus impactos nos grupos da cultura popular que participam do festejo, analisando-os através de duas categorias; a do empoderamento e/ou assujeitamento dos grupos populares perante o seu registro enquanto um bem de natureza imaterial. Dessa forma, buscamos mostrar como a festa em apreço ganhou novas conotações políticas, sociais e culturais através de sua patrimonialização e como isso interfere na organização dos grupos populares. Os dados aqui apresentados são frutos da pesquisa de doutorado ainda em andamento, compreendendo o trabalho de campo realizado nos anos de 2017 até 2019.

Palavras-Chave: Festa. Patrimônio Imaterial. Grupos Populares.

Introdução

A cidade de Barbalha está localizada ao sul do estado do Ceará, sendo reconhecida pela Lei 96/2012 como a Capital Cearense dos Festejos de Santo Antônio. A festividade alusiva ao padroeiro começa no final do mês de maio e/ou início do mês junho, desencadeando nas celebrações que transcorrem durante os 13 dias de comemorações. Na

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestra em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA), tayane.soares@live.com.

³ Professora titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ocasião são realizados cultos religiosos e festivos, que vão desde a realização de missas até o evento maior, que se dá mediante o cortejo e hasteamento do Pau da Bandeira, popularmente conhecido como o “Pau de Santo Antônio⁴”.

Com aproximadamente 100 anos de história, os festejos a Santo Antônio conseguiram consolidar-se enquanto um evento tradicional/popular da região do Cariri, pois resguarda as manifestações da cultura popular local, que são evidenciadas através dos grupos de Zabumba, Pífanos, Incelenças, Reisados, Lapinhas, Penitentes, rituais que envolve o corte e traslado do mastro da bandeira, trezenas e procissões.

A Festa de Santo Antônio passa a ser um dos eventos mais importantes para a região do Cariri, sendo reconhecida como uma festa popular/tradicional, como nos aponta Renata Marinho Paz e Roberto Marques (2013). Essa noção está atrelada às várias manifestações culturais que ocorrem nessa localidade, às quais podemos destacar a religiosidade popular, o artesanato, as crenças, as danças e as celebrações festivas que ocorrem em homenagens aos santos do catolicismo. Assim, a ideia do “Cariri Popular” é utilizada como ferramenta para construir uma imagem dessa região amparada nas ideias de “celeiro”, “berço da cultura popular”, que coloca em lugar de destaque, as práticas desempenhadas pelos indivíduos e suas manifestações.

Esse “Cariri popular” que vem sendo evidenciado por alguns setores – acadêmicos, políticos e sociais – constitui-se uma chave para pensar a maneira pela qual foi se construindo no imaginário coletivo a ideia que coloca essa região e a festa analisada como um polo das manifestações tradicionais. Dentro desse contexto, a Festa de Santo Antônio assume um papel centralizador, pois essa passa a ser considerada como uma manifestação que busca preservar a cultura local lhes garantindo a sua preservação.

Essa festa, assim como outras manifestações culturais da região, foi incorporada ao imaginário do Cariri popular, sendo um espaço de reprodução e encenação das tradições. Desse modo, vale a pena indagar, o que de fato seria uma prática popular na festa analisada, por que que essa suposta cultura popular é tão evidenciada nos discursos dos sujeitos e nas ações executadas pelas agências de fomento?

⁴ A Festa de Santo Antônio é um evento permeado por diversos rituais, dentre eles podemos destacar a escolha e o cortejo do Pau da Bandeira. O “Pau de Santo Antônio” consiste em uma árvore retirada da zona rural do município, que servirá de mastro para o hasteamento da bandeira do padroeiro. O cortejo marca o início das festividades, sendo um ritual onde um grupo de homens carregam em suas costas um tronco que pesa cerca de duas ou mais toneladas em um percurso de 08 quilômetros, que sai da zona rural até a igreja matriz no centro da cidade.

Paz e Marques (2013) chamam a atenção para a ideia de “romantização” das expressões populares. Para os autores, essa romantização estaria ligada a produção dos discursos que foram sendo agenciados em prol da construção de uma narrativa que enaltece a cultura popular do Cariri e, conseqüentemente, a festa analisada enquanto práticas que são consideradas como um “atributo natural”, que sempre existiu tal qual se apresenta na contemporaneidade. Isso acarreta na construção de um discurso preservacionista, que enxerga a cultura popular como um dado estático, que necessita ser preservada e repassada para futuras gerações.

Ao analisar a Festa de Santo Antônio, notamos que ela foi construída como uma manifestação tradicional para a região do Cariri por abranger a religiosidade popular através de um sistema de crenças mediada pela figura do santo, das manifestações de danças e das cantigas. Esses aspectos foram sendo incorporados e serviram como elemento construtor da festa, que a coloca como uma manifestação tradicional e que necessita de preservação por conter elementos característicos da cultura local. Ao enfatizar o conceito de “romantização” para pensar a cultura popular e suas manifestações, Paz e Marques (2013) levam em consideração a maneira como alguns sujeitos, que estão localizados em posições sociais de privilégio, constroem esse imaginário que coloca o Cariri e suas manifestações culturais como um espaço de práticas tradicionais. Esse cenário constrói a festa como um espaço ligado ao telurismo do passado e a necessidade de preservação. Com isso, a festa analisada passa a incorporar esse *jogo imagético*, que a coloca enquanto uma manifestação pura de um passado *saudosista*.

Devido a sua singularidade, que está atrelada as manifestações da cultura popular, a festa despertou o interesse da sociedade civil, intelectuais da região e das instituições de fomento, sendo um evento que necessitava ser preservado via políticas estatais. No ano de 2015, a celebração passou a incorporar o Livro de Registro, sendo reconhecida enquanto patrimônio cultural imaterial do Brasil e despertando questões importantes a respeito da salvaguarda da festa e da cultura popular.

Frente a isso, podemos nos indagar, até que ponto a salvaguarda do festejo assegura a participação dos grupos populares nesse contexto? O que os membros dos grupos populares pensam sobre isso? A patrimonialização teria causado o empoderamento/assujeitamentos dos grupos analisados? Quais os impactos dela para os grupos populares?

“Do pé da serra para o centro da festa”: a participação dos grupos populares

Como descrito, a festa exerce uma interdependência com as manifestações populares, sendo agenciadas através dos rituais que dão nome ao festejo. Nesse contexto, os grupos populares gozam de prestígio social devido ao *status* que a categoria *patrimônio imaterial* agrega. A narrativa da festa é construída sobre a prerrogativa da cultura popular, assim é necessário problematizar de quais grupos populares estamos falando e qual a importância destes na conformação da festa e no seu processo de registro.

A presença dos grupos populares e/ou tradicionais – autodenominados como detentores da cultura popular – é expressa no período festivo através dos rituais, das danças e cantigas que são encenadas para o grande público que comparecem a Festa de Santo Antônio. Geralmente, as pessoas vinculadas aos grupos populares são de classe baixa, sem escolaridade e residentes na zona rural do município, não sendo estas características regras gerais para pensar todos os grupos, pois eles são heterogêneos e possuem formas organizacionais distintas. Esses marcadores sociais da diferença são importantes ao momento em que delimitam os lugares sociais que esses indivíduos ocupam no cenário da festa, pois é por meio destes que pensaremos como a noção de cultura popular e preservação estão interligadas e compõem os bens imateriais.

Ao estudar os grupos étnicos, Fredrik Barth (2000) propunha que estes devem ser pensados através das características da autoatribuição e da identificação realizada pelos próprios agentes, sendo que esses sujeitos compartilham valores culturais comuns ao grupo. No caso dos grupos populares em Barbalha, notamos que eles se auto reconhecem enquanto um grupo popular, que tem o reconhecimento por parte da sociedade envolvente. Esses grupos se nomeiam e são nomeados por outros como pertencentes a cultura popular, possibilitando que tais sujeitos acionem demandas políticas frente ao Estado. O rótulo, “*grupos populares*”, é visto como uma atribuição entre os “de fora” – profissionais do Estado, intelectuais e demais autoridades – e os “de dentro” – membros dos grupos –. Em ambos os casos notamos que os sujeitos recorrem a essa categoria como ferramenta para validar seus discursos e conseguir pleitear investimentos econômicos através das políticas culturais.

Por intermédio da participação desses grupos populares na Festa de Santo Antônio, o festejo adquiriu *status* de uma comemoração que preservava as tradições populares, sendo uma das manifestações que encabeça o imaginário do Cariri popular

(PAZ e MARQUES, 2013), dividindo espaço com as grandes romarias ao Padre Cícero e com outros fenômenos culturais da região.

Simone Pereira Silva (2011) aponta que a importância dos grupos populares para a Festa de Santo Antônio e para a cultura do Cariri está ligada ao fato que ocorreu na cidade vizinha de Juazeiro do Norte, quando no século XIX houve o milagre da hóstia, com a Beata Maria de Araújo. O acontecimento fez com que Juazeiro do Norte fosse reconhecida, atraindo milhares de religiosos devotos ao Padre Cícero. Como estratégia para seguir os avanços que a cidade do “Padim Ciço” estava vivenciando, as cidades de Crato e Barbalha se uniram para construir a sua própria narrativa. Desse modo, Barbalha se utilizou dos grupos populares para legitimar a sua tradição festiva. Na busca de se diferenciar da cidade de Juazeiro do Norte, Barbalha traçou estratégias – que compreendiam a ampla visibilidade da Festa de Santo Antônio – para reafirmar a sua tradicionalidade. Silva (2011) aborda a criação do Instituto Cultural do Cariri, em 1950, como uma iniciativa gerida por um grupo de intelectuais ávidos a refletir e preservar o folclore da região. A partir da criação do Instituto, as cidades de Crato e Barbalha assumem também o discurso da preservação das manifestações culturais.

De acordo com Silva (2011), a ressignificação simbólica que houve na festa e nos grupos populares está atrelada a participação do poder público, que ocorreu em meados da década de 1970, sendo que nesse período histórico foi onde se presenciou, de maneira mais enfática, as modificações estruturais nas manifestações culturais. As medidas de “recuperação” e “valorização” foi, segundo a autora, os pilares para que as artes populares fossem espetacularizadas. Com os olhares voltados para as manifestações populares, houve a sua ampla divulgação e a incorporação destas na narrativa da festa do santo.

A festa contempla a participação de vários grupos, totalizando mais de 70 grupos populares, que em sua totalidade ajudaram a transformar a celebração em patrimônio imaterial brasileiro. Devido à peculiaridade com que essas manifestações eram agenciadas, o festejo despertou o interesse de instituições de preservação cultural, dentre elas o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que viu no evento e nas tradições ali praticadas uma manifestação importante para a cultura do Cariri e do país.

A importância dos grupos populares para a manutenção da festa é evidenciada através dos discursos de seus integrantes, dos moradores da cidade e dos turistas que comparecem ao evento, como veremos mais à frente. Tais narrativas colocam as práticas populares como centralizadoras da festividade, intensificando o discurso da

patrimonialização sobre a assertiva da necessidade de preservar as tradições e manifestações populares.

A entrada do poder público municipal, a patrimonialização e os grupos populares

A tentativa do poder público buscava fazer com que a Festa de Santo Antônio fosse reconhecida por toda a região do Cariri como um festejo popular/tradicional, que preservava suas raízes culturais. Esse processo, que culminou na visibilidade da festa e dos grupos populares, trouxe algumas controvérsias. No primeiro – a tentativa de dar notoriedade aos grupos de tradição –, apontava-se para o lado positivo, que consiste justamente em recuperar a identidade cultural da festa por meio de incentivos públicos; segundo – que tal ação fazia com que a cultura popular e, conseqüentemente, os grupos populares se tornassem alheios a sua própria realidade, dando ao poder público o direito de usufruir e gerir as tradições de acordo com a sua vontade.

A estratégia usada para tornar a Festa de Santo Antônio distinta das demais que ocorriam na região do Cariri, consistia em trazer os grupos populares para o centro da festividade. Com isso as manifestações dos Congos, Penitentes, Lapinhas, Reisados, Carregadores da Bandeira e tantos outros tornaram-se mais visíveis perante a população de Barbalha e de toda a região. Essa ação acarretou a ampla visibilização do festejo e, por conseguinte na maior apropriação do turismo mercadológico, sendo este último um dos pontos mais frisados pelo poder público.

O desejo de movimentar a economia da cidade e fomentar o turismo nessa região foi aos poucos dando visibilidade à festividade alusiva ao santo, tornando-se um acontecimento midiático, que enfatizaria o quanto a cidade de Barbalha construiria sua imagem amparada na cultura popular.

Quando doutor Livônio Sampaio fez a primeira festa tinha 74 grupos de tradição e tinha mais de vinte bandas de zabumba. Hoje se você for olhar, é obrigado vir de outros cantos, pois não existe mais. Então aí você reconhece o quão importante foi a ação dessa pessoa (Entrevista realizada com Francisco Candido de Barros, em 29 de janeiro de 2020).

Francisco Candido é voluntário na Escola de Saberes da cidade de Barbalha, e relata o quão importante foi a figura do prefeito para a construção da identidade cultural do município, na década de 1970. O entrevistado aponta que foi a partir da iniciativa de Livônio Sampaio que a cultura popular passou a ser reconhecida pelos membros da cidade. Isso favoreceu a divulgação dos grupos populares, ofertando-lhes um espaço que até então era renegado.

Com a inserção dos grupos populares ao festejo, aos poucos a festa foi construindo-se através de atrativos turísticos que privilegiava os artistas regionais, e logo seria um espaço onde as pessoas poderiam reencontrar suas raízes, rever seus familiares, ver apresentações artísticas que retratavam a música, a dança, as peças que eram criadas por grupos populares da cidade de Barbalha.

Com o despertar para essa consciência de pensar a festa enquanto um campo de possibilidades que colocaria a cidade de Barbalha e a Festa de Santo Antônio à frente das demais, outras perspectivas surgiram, dentre elas a ideia de que a festa reforçaria a uniformidade da cultura popular, deixando-lhes engessada a um modelo que serviria apenas para o consumo turístico. A ideia de centralizar a festa sobre essa perspectiva despertou para a visibilização dos grupos da cultura popular, mas também ocasionou na modificação dos costumes e rituais que eram realizados por seus membros.

Para Ângelo Serpa (2007), a folclorização das tradições acarreta severos danos para a cultura popular, levando em consideração que esse processo industrializa as tradições, deixando-lhe sem alma, “[...] folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma. É a cidade das requalificações e revitalizações urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas, e dos lugares-espetáculos” (SERPA, 2007, p. 79).

O discurso do então prefeito, Livônio Sampaio, iria em consonância a fazer da festa um polo para ampliar a economia da cidade, fortalecendo o turismo que tinha como carro chefe a cultura popular. Poderíamos encarar essa estratégia através do conceito de “retradicionalização” (SERPA, 2007), que diz respeito a maneira como a espetacularização atinge as festas de cunho popular lhes deixando a margem de uma cultura midiática do consumo.

Aliado às noções de modernização da festa, sem perder os traços tradicionais da cultura barbalhense, Livônio Sampaio buscava o novo amparado, sobretudo, nas tradições do passado. Com isso, a crítica que podemos realocar a essa ação reside no fato de que as

manifestações da cultura popular sucumbiriam ao mero espetáculo, perdendo sua possível originalidade em prol de uma homogeneização cultural das tradições.

Na Festa de Santo Antônio existe um momento dedicado a essas apresentações, que consiste no “cortejo dos Grupos Populares”, sendo instituído em 1973. Esse evento foi criado pela gestão do então prefeito como uma ferramenta de visibilização, acontecendo anualmente na manhã do domingo no qual se iniciam as comemorações em louvor ao santo.

Durante a realização do cortejo dos Grupos Populares, que acontece concomitante com as primeiras atividades do cortejo do Pau da Bandeira, na zona rural do município, a cidade serve de palco para a encenação da cultura popular. Nas principais ruas, as apresentações acontecem durante toda a manhã. Os grupos da cultura popular desfilam pelas ruas todos trajados de acordo com suas crenças, celebrações e rituais.

Logo no início da manhã de domingo, dia do carregamento do Pau da Bandeira, as pessoas se reúnem para ver as apresentações dos grupos populares. A concentração se dá na igreja matriz de Santo Antônio e segue em cortejo até a igreja do Rosário. Durante as primeiras horas da manhã, os grupos ficam concentrados na parte externa da igreja, enquanto isso ocorre a missa de abertura da festividade.

É comum a presença de visitantes nessa ocasião. Os grupos populares se deslocam de um canto para outro, brincando o Reisado, fazendo as peças com as pessoas que lá estão. As empresas privadas entregam panfletos, fazendo propagandas de suas marcas e fixando nos trajes dos grupos o nome dos seus patrocinadores, uma espécie de paternalização das tradições. Esse é o momento onde a população volta seu olhar para ver as tradições que são encenadas naquele contexto.

Vejamos a seguir.

Bom, de primeiro não tinha esse negócio da cultura, nós só andava pelos tabuleiros, por aqui, pelo sítio aí dos tempos desse pra cá, dos prefeito que teve, um tal de Livônio. Desse doutor pra cá, aí começou. Meu pai ainda era vivo nesse tempo. Antes a prática do penitente ninguém via. Hoje a gente já vai pra rua, com a cara descoberta. A roupa é pra tá cobrindo a cara, mas a gente diz pras pessoas e é mesmo que nada, mas é pra ser como diz a história, invisível. Não é pra ninguém saber, ninguém conhecer. Quando a gente passou a ir pra rua as coisas começaram a mudar. Mudar muito (Entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, com o mestre Vicente Luiz).

Vicente Luiz é mestre dos Penitentes do sítio Lagoa, que fica localizado na zona rural do município de Barbalha. Para o entrevistado, quando a gestão do prefeito Livônio Sampaio busca “*trazer os grupos populares para o centro da festa*”, inicia-se as modificações nas tradições. Ele ressalta que essas mudanças são sobretudo estéticas, enfatizando a questão da vestimenta como um dos elementos decisivos para as mudanças na organização da prática da penitência. Paralelo a isso, outro ponto enfatizado por ele faz referência à questão dos próprios rituais, que antes se davam nas comunidades rurais e com o passar do tempo incorporaram-se à dinâmica da cidade. Esse deslocamento ocasionou na forma como os rituais são apresentados para toda a comunidade, provocando severas modificações na estrutura dos grupos populares.

Olhe, no tempo antigo, na semana santa, nós saía meia noite com uma cruz nas costas. Aí a gente parava em cada cruzeiro, quando chegava lá a gente se separava, pois as orações não são todo mundo junto, tem que ser separado por grupo. Nesse tempo, ninguém sabia quem era ninguém. Se no outro dia a pessoa encontrasse com um penitente na estrada, nem sabia, porque não dava pra ver o rosto da pessoa. Isso tudo mudou, agora a gente não faz mais penitência, é só um faz de conta (Entrevista realizada em 29 de janeiro de 2020, com o mestre Vicente Luiz).

Mestre Vicente Luiz aborda que com o passar do tempo, a prática da penitência teve que se readaptar às novas demandas que estavam sendo colocadas pelo poder público. Os rituais que antes eram de caráter restrito aos seus participantes passaram a ser encenados para todos verem, uma espécie de teatro a céu aberto.

A partir da década de 70, com o início do desfile das manifestações culturais de Barbalha, os Penitentes – que originalmente ritualizavam de forma secreta, de modo tal que era comum que um Penitente apenas fosse identificado quando de sua morte na medida em que deveria trajar vestimentas específicas e também por haver um ritual apropriado durante o velório do penitente que morrera - passaram então a se apresentar em público e também a receber por suas distintas apresentações (Dossiê de registro, 2015. p. 63).

Para José Jorge de Carvalho (2004)

No caso mais frequente, os rituais tradicionais sofrem uma redução semiológica e semântica no momento em que são transformados em espetáculo comercial. Um cavalo marinho, por exemplo, que dura 12 horas em uma rua de um bairro periférico do Recife, é mutilado para uma apresentação de uma hora em um circuito público de lazer controlado pela Secretaria de Turismo. Sofre um desgaste parecido com o de uma obra literária publicada pela *Seleções do Reader's Digest*, que reduz as 1.800 páginas de *Guerra e Paz* a 200 páginas de leitura leve. Em alguns casos, porém, a mutilação pode ser contraproducente até para a lógica de maximização da mão-de-obra com que operam os produtores culturais da indústria do entretenimento (CARVALHO, 2004, p. 8).

Essas transformações são importantes para refletirmos as modificações vivenciadas pelos grupos populares por intermédio do poder público, onde os mesmos precisaram se adequar para caber no projeto de festa que se almejava. Com isso, os figurinos tiveram que ser modificados, as apresentações não poderiam ser extensas, pois isso cansava os turistas que participariam da festa. Tudo consistia em estratégias de uniformização da cultura popular para torná-la de fácil acesso para os espectadores.

A priori a iniciativa seria resgatar e incentivar os grupos populares, dando-lhes oportunidades. Todavia, esse movimento ocasionou em outras modificações que foram sendo incorporadas à dinâmica festiva, fazendo com que a Festa de Santo Antônio ganhasse notoriedade por seu diferencial de preservar a cultura da região do Cariri. Aos poucos, além das atrações regionais, que priorizavam a cultura local foram sendo acoplados artistas de caráter nacional para proporcionar cada vez mais visibilidade ao festejo. Isso não foi uma atitude bem vista aos olhos de algumas pessoas, pois enfatiza-se que quanto maior o investimento para trazer grandes artistas nacionais, menor seria a valorização dos grupos da cultura popular.

Para o mestre Antônio José, a partir do momento em que a festa ganhou notoriedade e reconhecimento, quando se propôs a trazer grandes artistas nacionais, a cultura popular foi renegada a segundo plano, tendo pouco investimento para essa área que consolidou a Festa de Santo Antônio. Ao ser indagado se a cultura popular estava tendo a visibilidade merecida ele responde,

Precisava ter, mas não tem. Precisava ter só que não tem (tom de voz alterado). Sou eu quem compro meus materiais, eles só pagam a costura, e quando pagam. Eu, o mestre! Reisado é um bicho costoso e essa questão financeira interfere na nossa apresentação, porque a gente faz uma brincadeira dessa aqui e o cache que dão a gente é de R\$ 800, que é dividido para 18 pessoas. Eu não posso ficar com o dinheiro só para mim, eu não ganho ele só. Tem que dividir (Entrevista realizada em 26 de maio de 2018, com o mestre Antônio José).

Mestre Antônio José aponta para a questão financeira, que segundo ele, seria precária. No entanto, essa desvalorização não se dá apenas sobre o quesito financeiro. Para ele, falta reconhecimento da sociedade quanto às práticas tradicionais dos grupos populares da cidade.

Conforme o poder público, simbolizado através da figura do prefeito Livônio Sampaio, intervinha na festa através da prerrogativa da valorização da cultura popular, a festa foi aos poucos despertando a atenção da população, da comunidade acadêmica e das instituições de preservação. Com a ampliação da festa, que passou a contar com a participação de grandes artistas, a mesma foi conquistando seu espaço na cultura local, acarretando a incorporação de novas simbologias, dentre elas a sua patrimonialização. Esse processo de expansão do festejo ocasionou na sua visibilização e na tentativa de torná-la um patrimônio imaterial da população de Barbalha. É notório que tal ação também gerou consequências inesperadas para os grupos populares.

A burocratização do patrimônio e os grupos populares

A participação dos grupos populares na Festa de Santo Antônio comunga com a tentativa de consolidar a festa sobre a perspectiva dos festejos populares e da valorização da cultura local. Essa ação, como já pontuado, consistiu em uma tentativa de dar visibilidade as celebrações a Santo Antônio, em Barbalha, e fomentar o turismo e a economia. Unindo as apresentações em praça pública os grupos se apresentam no primeiro dia da festa, esse é o momento de maior notoriedade das práticas tradicionais, pois toda a cidade se reúne para acompanhar o cortejo dos Grupos Populares.

Chegar em Barbalha no momento em que essas práticas acontecem é se deparar com um cenário multicolor. Os espelhos das roupas dos Reisados, o som das Bandas de Pífanos, o Reisado de Couro, os Caretas e outras manifestações da cultura local sinalizam para o quão vasto é o cenário da Festa de Santo Antônio.

Em uma das incursões em campo, no ano de 2018, Toninho e sua esposa relatavam que comparecem todos os anos durante o período da manhã, pois este momento consiste na melhor parte da festa, levando em consideração que é nesse momento que se pode acompanhar mais de perto as manifestações da cultura local.

Toninho relembra o quanto é emblemático esse evento para o Cariri, pois Barbalha seria a única cidade da região que resiste na manutenção da cultura. No entanto, Toninho aponta que por mais que a prefeitura busque resguardar os rituais dos grupos populares, eles tendem a ser modificados e, conseqüentemente, correm o risco de serem aniquilados em nome de um projeto modernizador da festa.

Já faz um bom tempo que eu e minha companheira vamos à festa, todos os anos, não é meu amor?! Mas a gente sente que essa tradição está cada vez mais escassa. Os grupos populares só se apresentam uma única vez, durante toda a festa. Quando é à tarde, não se vê mais nada da tradição, só o cortejo do pau, mas o carregamento virou uma esculhambação. É bebedeira, é briga, é esses forrós que ninguém entende a letra. As coisas mudaram. Mudaram para pior (Entrevista realizada em 27 de maio de 2018, com o professor Toninho).

O informante sinaliza para a importância de manter os grupos populares concomitante ao que aponta para um possível aniquilamento das tradições. De acordo com o informante, a tradição está aos poucos sendo esquecida em prol de uma festa que privilegie os grandes *shows*.

Ao enfatizar que “*As coisas mudaram para pior*”, Toninho se refere aos processos de modificações que a festa vem sofrendo e como isso surtirá impacto direto nos grupos de tradição da festa. Para o entrevistado, a gestão municipal está privilegiando a cultura de massa em detrimento da cultura local da região.

Ao analisarmos o discurso do informante, esbarramo-nos com a questão central do trabalho, que reside em compreender como os grupos da cultura popular que participam da Festa de Santo Antônio sofreram modificações através do processo de patrimonialização.

A patrimonialização da festa cumpre um papel importante para compreendermos as modificações que se deram gradativamente nesse contexto, pois através dela podemos apontar para a amplitude que o festejo obteve após o seu registro. Isso ocasionou em uma maior visibilidade, fazendo com que a festa se tornasse um negócio lucrativo para as empresas privadas e para o poder público.

Contudo, isso acarretou um mal estar entre os membros dos grupos populares e o poder público municipal, pois com a grande ampliação da festa e com o alto incentivo atribuído aos grandes shows midiáticos, a cultura popular ficou renegada a segundo plano, de acordo com os informantes. Lembro-me que no cortejo dos Grupos Populares no ano de 2018, ocorreu um fato curioso. Estava eu, ao lado do mestre de Reisado, conversando sobre suas tradições e a dificuldade que eles tinham em se manter naquele contexto. Ele falava sobre a existência do seu Reisado e como este foi passando ao longo de gerações até chegar à sua vez, quando, de repente, somos surpreendidos por uma funcionária da prefeitura. Ela chegou apressada, solicitando ao mestre Antônio José que se dirigisse ao seu posto, pois o cortejo já estava pronto para sair em desfile.

Seu Antônio mostrava sua indignação com tudo que estava acontecendo com a cultura popular da cidade de Barbalha, quando ele percebeu a chegada da funcionária, prontamente ele pega na mão da moça e diz a seguinte frase; “Olhe, essa aqui é a doutora, ela tá fazendo pesquisa com os nossos grupos e gostaria de falar com você. Explique pra ela como é que tá a nossa situação”. Não demorou muito para que a funcionária descartasse toda e qualquer possibilidade de elaborar algum diálogo entre os três envolvidos, dizendo, “Infelizmente, agora não posso. Caso queira, venha outro dia que poderemos conversar”. Depois disso, ela sai apressada, deixando-me com várias interrogações na cabeça. Seu Antônio, não satisfeito com a situação, enfatiza; “Tá vendo como é as coisas? É sempre assim, se você chega lá na Secretária de Cultura eles te tratam dessa forma. Isso é um desrespeito com a nossa cultura”.

Segundo os informantes da pesquisa, os processos que devem ser acionados para que os grupos possam ter algum direito é burocrático e permeado por conflitos. Isso nos sinaliza para o que Michel Herzfeld (2016) aponta como sendo as *raízes da burocratização* e como estas fazem emergir o que o autor chama de negligência. Para ele, o descuido das autoridades faz com que haja a negação da identidade dos indivíduos por meio dos processos de burocratização, que ocasionam na ineficiência do sistema.

A burocratização é algo vivenciado constantemente no campo pesquisado, seja através das dificuldades em conseguir ter acesso às informações ou quando os grupos

populares reivindicam seu espaço na festa. O processo de burocratização consiste em um fenômeno social, que comporta tensões entre as normas oficiais e os valores que são localizados no grupo. Através disso, compreendemos os processos de patrimonialização como uma via de mão dupla, que conta com a interferência do Estado e da comunidade para criar os sistemas burocráticos, que são acionados e manipulados por razões políticas.

Para o mestre Serginaldo – dono do Reisado de Congo São Miguel Arcanjo – a burocracia seria um dos principais fatores que fazem com que os grupos populares desistam de suas tradições. Para o informante, o que ocorre é que depois que houve a patrimonialização pouco foi feito para modificar a realidade que os grupos populares estão submetidos na Festa de Santo Antônio.

Rapaz, eu ainda não vi mudança na valorização dos nossos grupos. Eu esperava que fosse melhorar pelo menos 60%, mas ainda não atingiu essa média. Como a Festa de Santo Antônio já existia de longe eu acreditava que com esse patrimônio fosse vir algo diferente, mas continua quase a mesma coisa. Se foi mudado isso aconteceu com a festa dos grandes, das bandas, mas os grupos continuam a mesma coisa (Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2020, com o mestre Serginaldo).

Nas falas relatadas, percebemos como os grupos populares, de acordo com os informantes, têm dificuldade em acessar os seus direitos por intermédio dos processos burocráticos. Ao levarmos em consideração que a maioria dos mestres são residentes na zona rural do município, sendo quase todos semianalfabetos, não gozando do aporte teórico necessário para efetivar o que a lei lhes assegura isso faz com que o patrimônio se torne uma definição não acessada por esses indivíduos detentores do bem registrado. Isso torna-se um problema à medida que esses sujeitos se excluem da esfera pública por não obter o conhecimento necessário para reivindicar o seu direito enquanto detentores do patrimônio, acarretando na tutela do Estado sobre os grupos da cultura popular, que causa o que Valdimar Hafstein (2013) chamou de “paternidade das tradições”.

Hafstein (2013) aponta para os desafios de pensar o patrimônio através da perspectiva de tutela do Estado, sendo que tal questão coloca as tradições beirando o abismo da atuação do Estado e da ausência de participação dos detentores do bem. Isso aponta para os paradigmas do patrimônio imaterial, sendo que tais políticas surgem através da necessidade de preservar os bens registrados, garantindo-lhes a sua existência. No entanto, no momento em que se busca tal preservação corre-se o risco de assujeitar as

tradições aos sistemas que os criou, no caso, submeter o bem as políticas de preservação, ausentando de participação os sujeitos construtores do patrimônio.

Christian Bromberger (2014) aponta que um dos postulados das políticas de patrimonialização consiste justamente na necessidade de preservação e repasse das tradições via políticas estatais de patrimonialização, sendo que a inscrição no Livro de Registro, enquanto um bem patrimonial imaterial, fortaleceria os laços entre a comunidade e o bem registrado. Bromberger (2014), no entanto, constrói severas críticas a maneira reducionista com que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a cultura (Unesco) tem tratado os patrimônios, sendo por vez ilusória e falsificadora da realidade social. Para o autor, a Unesco, ao momento em que propõe preservar as manifestações culturais, levando em consideração a sua especificada, unifica a diversidade cultural existente nas manifestações culturais que são registradas. Na Festa de Santo Antônio essa unificação é acentuada a partir do momento em que se tem um tempo estipulado para as apresentações, as vestimentas são escolhidas pelo poder público municipal e toda a organização dos rituais que serão apresentados no decorrer da festa passam, inevitavelmente, pelos órgãos responsáveis.

O “Le dogme, pétri de bonnes intentions” (Bromberger, 2014, p. 146) se refere aos dogmas criados pelas instituições como forma de mascarar as várias lacunas deixadas por essas políticas. Para Bromberger, o patrimônio, a princípio, consistiria na ideia de promover o diálogo intercultural, contudo isso seria uma maneira ilusória de compreender os patrimônios intangíveis/imateriais, sendo que as instituições acabam por homogeneizar a diversidade em prol de um modelo unificador do patrimônio imaterial.

O conceito de “dossiê da rotulagem” (Bromberger, 2014) é interessante para refletirmos sobre a maneira com que os processos de patrimonialização propõe uma “higienização” do bem registrado, retirando-lhes o seu significado. A patrimonialização em muitos casos acarreta no esvaziamento dos significados dos bens registrados, ausentando-lhes de sua diversidade e heterogeneidade (BROMBERGER, 2014).

Ao analisarmos o contexto pesquisado, podemos compreender que a Festa de Santo Antônio passou por uma “artificialização estética” (BROMBERGER, 2014), que corresponde a maneira como o poder público municipal da cidade de Barbalha foi enxugando as tradições para caber no modelo de festa que privilegiava as grandes atrações

artísticas e os interesses das grandes marcas. Essa “artificialização estética” começa ainda na década de 1970, quando se deu início ao processo de carnavalização⁵.

Podemos dizer que os grupos populares se tornaram assujeitados ao sistema que os criou? Vejamos que com o aumento da burocratização os grupos da cultura popular necessitam recorrer ao poder municipal para poder pleitear os editais que envolvem a cultura local, fazendo com que se tenha uma dependência dos grupos perante o poder público municipal, haja vista que os grupos populares ficam dependentes das informações cedidas pelos órgãos municipais.

A dificuldade vivenciada pelos grupos encontra respaldo na burocratização, sendo está um empecilho para que muitos agentes consigam ter acesso aos programas ofertados pelo governo estadual. A burocratização do patrimônio faz com que se tenha uma supremacia do poder público em detrimento da participação dos agentes. Isso resulta, em alguns casos, na ineficiência de tais políticas, pois a partir do momento que os detentores do bem não têm o conhecimento necessário para acionar por si só essas ferramentas, eles ficam à mercê do que as instâncias superiores desejam, por este motivo, postulamos que esses processos burocráticos resultam também na modificação com que as manifestações culturais são vivenciadas na Festa de Santo Antônio, levando em consideração a intervenção do poder público municipal frente as formas com que a cultura popular é apresentada.

“Santo de casa não obra milagres”

Como já abordado no item anterior, vimos que os sistemas burocráticos impedem que muitos membros dos grupos populares tenham acesso às políticas culturais, necessitando do auxílio de terceiros para poder chegar até elas. Isso é apontado pelos informantes como uma desvalorização perante as manifestações tradicionais executadas por esses sujeitos.

O patrimônio é pra todos, pra todos os mestres. Quer dizer, a cultura é nós. Nois que somos a cultura, nois

⁵ O conceito de carnavalização é colocado por Souza (2003), fazendo referência ao momento em que a festa ganha visibilidade a nível estadual na década de 1970, despertando para os interesses de diversos agentes. Esse momento é caracterizado pela grande especulação midiática e econômica, modificando a forma como o festejo passa a ser vivenciado.

que levantamos a cultura de Barbalha. Os homens que estão lá dentro não dão valor a nois. Que nem nós tivemos uma reunião que tava todos os mestres, aí eu disse que o governo tivesse mais um pouco de consciência, que desse mais valor à terra, pois nós somos uma peça fundamental do patrimônio. Eu queria muito que o nosso prefeito desse valor a todos nois. Eles aqui não dão valor. Lá fora o pessoal dá valor ao Reisado, aí eu digo santo de casa não obra milagre, só obra milagre na terra dos outros (Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2020, com o mestre Antônio José).

Ao enfatizar que “*santo de casa não obra milagres*”, mestre Antônio José está se referindo a maneira como o poder público trata os grupos populares que participam da festa. Para o entrevistado não existe uma valorização social das manifestações desempenhadas por tais grupos, isso acarreta no desprestígio social vivenciado por esses agentes.

Como foi mencionado aqui, a Festa de Santo Antônio foi construída privilegiando a tradição como elemento central para a construção de sua imagem, sendo que tal discurso parte dos setores mais elitizados e conservadores da cidade. Nesse quesito, é preciso levar em consideração que a construção da festa enquanto algo tradicional evolve outras dimensões, que incluem a patrimonialização do festejo e os processos de burocratização, que impactam diretamente os grupos da cultura popular. Ao pensarmos sobre essa questão, pontuamos que as políticas que fundamentam a patrimonialização não devem ser pensadas como algo neutro, mas como uma prática que tem valores de classe e raça presentificados em sua agência.

Antes que nos aliemos a essa ideia que “santo de casa não obra milagres” é preciso refletir sobre os elementos que estão por trás dessa afirmação, enxergando que, de acordo com os entrevistados, a cultura popular não é posta em prática da mesma maneira que é enfatizada nos discursos das políticas do patrimônio e seus agentes.

Conforme frisado aqui, os grupos populares, que participam da Festa de Santo Antônio, enxergam na gestão municipal o aporte necessário para promover o repasse de suas tradições. Isso fica evidente através das falas dos interlocutores, quando eles abordam que recorrem a prefeitura para ter acesso aos editais, e assim, participar da festa. O diálogo mediado entre esses dois setores – poder público municipal e mestres dos grupos populares – é marcado por tensões, segundo Serginaldo,

Nós não temos ainda o valor que nós merecemos, mas mais ruim nós já tivemos. Hoje nós já ver uma luz clareando mais na frente, que amanhã ou depois que essa luz possa ser alumiada mais. Mas é como eu estava dizendo, nós não temos uma valorização como nós merecemos” (Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2020, com o mestre Serginaldo).

A questão da desvalorização dos grupos populares por parte do poder público e pela sociedade barbalhense é evidenciada por Océlio Teixeira, quando o mesmo afirma que os grupos populares passaram a ter maior espaço na festa por ser uma atração que amplia o turismo e a economia da cidade. Com isso, eles ganharam lugar de destaque no contexto festivo. Todavia, isso não implica dizer que esses grupos sejam reconhecidos por toda a população e pelos visitantes que comparecem ao festejo, assim como não significa afirmar que o poder público construa ações efetivas para a preservação desses grupos e suas tradições. Assim, se por um lado os grupos populares passaram a ter lugar certo na Festa de Santo Antônio, por outro, isso não significa dizer que eles tenham adquirido o reconhecimento social necessário para sua existência.

Na realidade eu vejo que os grupos populares passaram a ter maior espaço. Os grupos passaram a ser uma atração a mais para os turistas. O que falta, no meu entender é, talvez, uma educação maior em relação ao que são esses grupos, qual a sua importância, o que os caracterizam, ou seja, fazer com que a população reconheça os grupos e os seus significados (Entrevista realizada em 14 de abril de 2020, com o professor Océlio Teixeira).

A questão da desvalorização, que atinge os grupos populares, é uma questão enfatizada por diversos informantes. Para Verônica Isidoro, mulher negra e militante da causa feminista,

A Festa de Santo Antônio é construída no lombo de muita gente. Os grupos artísticos que você está vendo aqui ficam renegados o ano inteiro, sendo utilizados como um objeto para enfeitar a festa no dia de hoje (Entrevista realizada no dia 28 de maio de 2018, com a ativista, Verônica Isidoro).

Longe de ser uma relação amigável entre os mestres, população e o poder público, o patrimônio da festa pode ser pensando através de uma arena de poder, onde os agentes se situam conforme os seus interesses. Não podemos pontuar com isso, que ambos não precisem um do outro para se manter. Entretanto, é válido frisar os conflitos que decorrem dessa relação e como estes impactam diretamente os grupos populares.

As falas apontadas pelos mestres demonstram a indignação que ambos sentem, tanto com o lado financeiro quanto com a questão da desvalorização social dos grupos populares, faltando investimento, espaço e reconhecimento. Através dos depoimentos elencados logo acima, postulamos que a relação estabelecida entre a Secretaria de Cultura e os mestres da cultura popular nos sucinta pensar com quem o Estado dialoga para a composição dos patrimônios.

A apropriação da festa por intermédio da gestão municipal e outras instituições ocasiona no caráter não democrático do patrimônio, fragilizando as manifestações da cultura popular e não ofertando a participação dos sujeitos na construção de ações que visem o fortalecimento das manifestações tradicionais e, por conseguinte, a própria festa. Ao longo do texto pôde-se perceber a ausência de atuação dos grupos populares na construção narrativa da festa, ficando estes à mercê dos discursos e ações que são idealizadas e praticadas por instituições e indivíduos, que usufruiu de capital simbólico e/ou econômico.

Nessa concepção, as políticas que fundamentam o processo de registro da festa enquanto um bem imaterial, não têm, em muito dos casos, à anuência e o reconhecimento dos grupos populares. Ao momento que o Estado escolhe indivíduos específicos para gerir os patrimônios, estes ficam distantes das populações que os originaram, acarretando na falta de diálogo entre sociedade civil e instituições responsáveis pelo registro.

Referências Bibliográficas

BARTH, Fredrik. **O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BROMBERGER, Christian. “Le patrimoine immatériel” entre ambiguïtés et overdose , *L’Homme* [En ligne], 209, 2014.

CARVALHO, José Jorge de. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento**. Brasília: Série Antropologia, 2004.

Dossiê de Registro. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha**, 2015.

CARVALHO, José Jorge de. **Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento**. Brasília: Série Antropologia, 2004.

HAFSTEIN, Valdimar Tr. Celebrando a diferença, reforçando conformidades. In: **Patrimônio cultural em discussão: novos desafios teórico-metodológicos**/Carlos Sandroni & Sandro Gumarães de Salles (org). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

HERZFELD, Michael. Introdução, “As raízes da indiferença” e “Descalssificações”. P. 11-24; 53-72 e 149-173. In: *A produção social da indiferença: explorando as raízes simbólicas da burocracia ocidental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 20116.

MARQUES, Roberto; PAZ, Renata Marinho. Quem é o povo da cultura popular? Algumas reflexões a partir das noções de Cariri, Religiosidade e Festas. In: **Temas contemporâneos em Sociologia**/ Domingos Sávio Cordeiro (ogr). Fortaleza: Gráfica e Editora Iris, 2013.

SERPA, Ângelo. **Cultura de Massa versus Cultura Popular na cidade do espetáculo e da “retradicionalização”**. Espaço e Cultura. n. 22, p. 79-96. UERJ, RJ: jan./dez. 2007.

SILVA, Simone Pereira. **Os sentidos da festa: (re) significação dos brincantes do reisado do congo em Brabalha/CE (1960-1970)**. Dissertação de mestrado, João Pessoa, 2011.

Agradecimentos

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".